

# “DEVE OU NÃO DEVE O *FOOTBALL* INVADIR OS DOMÍNIOS DAS SAIAS?”: HISTÓRIAS DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL<sup>1</sup>

Caroline Soares de Almeida<sup>2</sup>

Thaís Rodrigues de Almeida<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo aborda a trajetória do Futebol Feminino no Brasil a partir de recortes de histórias de pessoas que o compuseram, desde a sua introdução até 1979, ano em que foi revogado o Decreto-Lei nº 3.199. Refletir sobre o caminho percorrido pelas mulheres praticantes de futebol no Brasil tendo em vista narrativas pouco visibilizadas nos textos oficiais é um esforço de construção. Parte dessa história já foi relatada por diferentes autoras/es em trabalhos de grande qualidade publicados, sobretudo, nos últimos vinte anos. Nesse sentido, este texto tem o objetivo de somar na construção dessa história, a partir de questões centrais tais como: de que forma aconteceu a inserção do Futebol Feminino no país? Como as/os brasileiras receberam essa prática? Por que o Futebol Feminino se tornou um problema para o Estado Novo? Que personagens orbitavam o universo do Futebol Feminino brasileiro no período? Para tanto, elencamos fragmentos de novos relatos encontrados em notícias de jornais pesquisados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O percurso do futebol de mulheres no Brasil foi marcado por questões que, além das proibições legais, expressam barreiras, desqualificações morais e conflitos, que ainda hoje reverberam em nossa sociedade.

Palavras-Chave: Futebol Feminino; Estado Novo, Decreto-Lei nº 3.199; Visibilidade para o Futebol Feminino.

## Should football invade the domain of skirts or not? stories of Women's football in Brazil

## Abstract

This article aims to address some stories of people who made up the trajectory of Women's Football in Brazil, between the decades of 1910 and 1970. Part of this history has already been narrated by different authors in special quality works. Therefore, this text aims to add to the construction of this story, in central questions such as: how did Women's Football in the country begin? What did the Brazilians think about this practice? Why has women's football become a

---

<sup>1</sup>Pesquisa financiada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior/Ministério da Educação, através do programa de bolsas de estudos CAPES/DS e sob a orientação da Professora Doutora Carmen Silvia Rial

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui Graduação em História também pela Universidade Federal de Santa Catarina e Bacharelado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Desde 2011, é pesquisadora do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC), atuando, principalmente, nas áreas de esporte, globalização e gênero. E-mail: almeidacarol82@gmail.com

<sup>3</sup> Possui graduação em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). É Especialista em Pedagogias do Corpo e da Saúde pela mesma universidade (2006). Mestre em Ciências do Movimento Humano PPGCMH – ESEF– UFRGS (2008). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas PPGICH – UFSC (2020) E-mail: takaprofe@gmail.com

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

problem for the Estado Novo? Which people were part of the Women’s Football context in Brazil? For that, we list fragments of reports found in newspapers researched in the Digital Library of the Biblioteca Nacional. During the course of the history of Women’s Football in Brazil, other issues stand out, in addition to legal prohibitions. It express impediments, moral disqualifications, and conflicts, which still reverberate in our society today.

Keywords: Women’s football; Estado Novo, Decree-Law No. 3.199; Visibility for Women’s Football.

“Mas pra isso que está acontecendo, Marta<sup>4</sup>, isso que está acontecendo aí. Teve um início, minha filha. Teve uma briga. Teve uma luta<sup>5</sup>” (Rose do Rio).

Desde muito cedo, a história que aproxima mulheres e futebol no Brasil assumiu o signo de luta, de resistência contra limites impostos pelo Estado em função de uma suposta proteção da maternidade – pela garantia de nascimento das futuras gerações – e da moral. Ao longo de um século, o Futebol Feminino<sup>6</sup> passou por longos períodos de não-reconhecimento (HONNETH, 2003) no país, produzindo situações de rebaixamentos morais e desrespeitos que levaram às proibições. Atualmente, pouco ainda é veiculado sobre essas histórias nos meios de comunicação<sup>7</sup>. Diante desse contexto, todo o imaginário construído em torno das futebolistas no país foi fundamentado dentro de uma lógica bastante primária, que separava mulheres e futebol em função da natureza biológica: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, instituiu o Artigo 54 do Decreto-Lei que criou o Conselho Nacional de Desporto (CND) em 1941 (CASTELLANI FILHO, 1988)

Diferentes autoras/es já abordaram essa temática em estimulantes textos publicados nas áreas que abrangem as Ciências Humanas

---

4 Referência à Marta Vieira da Silva, escolhida cinco vezes a melhor futebolista do mundo pela FIFA.

5 O fragmento retirado de diário de campo, de uma conversa realizada em Junho de 2012 com uma das minhas interlocutoras, ex-jogadora do *Esporte Clube Radar*, para a pesquisa de Mestrado, intitulada Boas de Bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.

6 Futebol Feminino é pensado neste texto como uma categoria institucional, associada à constituição da modalidade em si. Não carrega qualquer restrição relativa a gênero.

7 Durante a última edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 2019, uma série de reportagens abordando o assunto foi publicada. Além disso, em maio do mesmo ano, o Museu do Futebol inaugurou a exposição “Contra-Ataque! As mulheres do Futebol”, em que narrava através de imagens e jornais o histórico das proibições.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

LEVER, 1983; GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005; MORÃO; MOREL, 2005; RIAL, 2013, 2014, 2015; ALMEIDA, 2013, 2019; CAPUCIM E SILVA, 2015; COSTA, 2017; GOELLNER; KESSLER, 2018; PISANI, 2018; ELSEY; NADEL, 2019; BONFIM, 2019). Neste artigo, pretendemos dar ênfase ao período que compreende o “início” da prática do futebol por mulheres e a proibição do Futebol Feminino, em 1941. Antes, contudo, destacamos três trabalhos fundamentais. O primeiro refere-se ao texto de Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005) “As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo”. Nele, as autoras analisam o papel do discurso produzido pela mídia impressa diante da recusa ao Futebol Feminino pela sociedade e pelo Estado no Brasil. Sobre a proibição, escreveram:

A utilização indevida do princípio da naturalização do fato social, sob o qual se apoia a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas pela influência de suas características biológicas, foi o que serviu de âncora à ideia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino. Devido às alterações substantivas ocorridas no campo do legislativo do início dos anos de 1940 até a década de 1970 é que vamos encontrar as bases para gradativas mudanças na forma de se perceber a resistência como forma de participação da mulher no fenômeno cultural chamado esporte e especialmente no FF (p. 78).

O segundo texto foi publicado também em 2005, escrito pelo historiador Fábio Franzini (2005), intitulado “Futebol é coisa de macho? pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. Nele, Franzini explora muito bem a discussão, dentro do Estado Novo, que levou à criação do Decreto-Lei 3.199<sup>8</sup>. Parte da carta aberta publicada por José Fuzeira e endereçada ao Presidente Getúlio Vargas, em 1940. A própria presidência encaminhou o assunto para a Subdivisão de Medicina Especializada do Ministério da Educação e Saúde, que entendeu que o Futebol não poderia ser praticado por mulheres, já que:

O futebol feminino [...] só poderia mesmo representar um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao

---

8 O Decreto-Lei 3.199 instituiu o Conselho Nacional de Desportos, regulamentando a prática esportiva no país. Entre as normas, figurava a proibição de esportes que fossem incompatíveis com a natureza da mulher.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

espaço doméstico. Desvio tão inadmissível que a Subdivisão de Medicina Especializada recomendava que se fizesse uma “campanha de propaganda mostrando os malefícios causados pelo futebol praticado pelas mulheres, a fim de evitar lamentáveis consequências enquanto se aguarde medidas tendentes a permitir a interferência dos Poderes Públicos em tais questões, medidas estas que muito bem poderiam constar na Regulamentação dos Desportos, presentemente em estudos (FRANZINI, 2005, p. 321)

Por último, a dissertação de Aira Bonfim (2019), intitulada “*Football* feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915–1941)”, que realiza uma análise minuciosa de notícias veiculadas na mídia impressa sobre a prática do futebol por mulheres, sobretudo, entre as décadas de 1930 e 1940. Algumas das fontes utilizadas por Aira foram exploradas para a construção deste artigo, entretanto, procuramos dar ênfase outras questões como: de que forma aconteceu a inserção do Futebol Feminino no país? Como as/os brasileiras receberam essa prática? Por que o Futebol Feminino se tornou um problema para o Estado Novo? Que figuras orbitavam o universo do Futebol Feminino brasileiro, sobretudo, na primeira metade do século XX?

Nesse sentido, este artigo pretende somar na construção dessas narrativas, a partir de novos relatos – sob uma diferente perspectiva – colhidos em notícias de jornais – entre as décadas de 1910 e 1970 – arquivados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

### **1913 – 1941: Da Liberdade à proibição**

Sabe-se que, desde o início, as mulheres estiveram presentes nos jogos de futebol pelos gramados brasileiros. No entanto, a participação ficava restrita às arquibancadas, como meras espectadoras<sup>9</sup>. Delas provêm a terminologia “torcedor” uma vez que, quando aflitas, torciam os lenços nas arquibancadas (RODRIGUES FILHO, 1947). Os registros de jogos entre mulheres encontrados para esta pesquisa<sup>10</sup> remetem apenas a duas décadas após a inserção desse esporte no Brasil: em 1913, a Revista Careta publicou uma foto de uma partida de “*foot-ball*

---

9 Registros sobre mulheres em outras funções nos jogos de futebol entre a última década do século XIX e início do século XX são desconhecidos até agora.

10 Não descartamos a possibilidade de partidas anteriores.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

feminino por *ocasião* de um *five-o'clock*<sup>11</sup>”, no velódromo de São Paulo. Em 1915, teria ocorrido uma festa esportiva no *Villa Izabel Football Club*<sup>12</sup>, no Rio de Janeiro. Quatro anos mais tarde, outro evento na mesma cidade, desta vez de caráter beneficente, prometia um grande *match* de *football* feminino. Prometia-se, além das presenças de autoridades eclesiásticas e políticas locais, a participação do próprio Presidente da República da época, Epitácio Pessoa<sup>13</sup>.

Nesse primeiro momento, o futebol jogado por mulheres simulava um caráter recreativo e filantrópico, fortemente ligado às elites. Na época, esse esporte ainda não se encontrava associado à ideia de cultura nacional (DAMATTA, 2006; GUTTERMAN, 2010), mas o país já havia descoberto seu primeiro craque – Arthur Friedenreich – e estava a caminho de seu primeiro título internacional – o *Campeonato Sul-Americano* de 1919. Em 1920 um torneio de Futebol Feminino foi apresentado na cidade de Natal (RN), organizado pelo Capitão Assis Bandeira, um entusiasta do esporte. O *Centro Sportivo Natalense* ganhou a final sobre o *ABC F. C.* Esse campeonato foi noticiado em periódicos de outras regiões do país, tais como o *Vida Sportiva* do Rio de Janeiro. A partir dessa década, o futebol jogado por mulheres foi apresentado como uma espécie de *freak show* nos circos – como o dos Irmãos Queirolo (SP) – e como uma modalidade esportiva em potencial nos clubes já atuantes em campeonatos de Futebol Masculino – tais como, *River F.C.* e *C.R. Vasco da Gama*.

É nesse período também que a imprensa esportiva começou a tecer comentários mais estruturados sobre a prática do futebol por mulheres. O Futebol Feminino passa a dividir as opiniões entre jornalistas. Por vezes, exprimiam a repulsa como na crônica abaixo:

Desejávamos que a prudência e a visão dos organizadores das partidas de *football* disputadas por senhoritas nos evitassem a nós vir trazer a nossa *condenação* à infelicidade manifesta da iniciativa. Mas já que não lhes fazem *reflectir* vozes autorizadas que, de público têm *aparecido* verberando a *idéa*, à luz da moral e da razão, então que nos *perdõem* se para aqui estamos com a *setta*

---

11 Autoria desconhecida 1913, Careta em S. Paulo. Revista Careta, 6 de setembro de 1913, n. 275, p. 39.

12 Autoria desconhecida 1915, “Uma festa de sports – Villa Izabel F. C.”, *A Época*, 26 de novembro, 1188: 4.

13 Em dezembro de 1919, diversos jornais da cidade do Rio de Janeiro – Correio da Manhã, O Paiz, O Imparcial, A Rua – noticiaram um jogo de futebol na cidade para arrecadar donativos ao Santuário do Sagrado Coração de Maria.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

envenenada do ridículo desnudando pormenores que a todos conviria fossem silenciados!

Nossos brilhantes *collegas* de “O Sport” num requinte extremado de impiedade *christã*, estamparam no “*placard*” do seu jornal, em um dos pontos mais movimentados da Capital da República, dois flagrantes que estão, na eloquência de suas linhas, pedindo misericórdia para as *víctimas* incautas do *football* feminino.

[...] Uma outra, cuja *photographia* também está *affixada* no mesmo local da primeira, traz a mostra recôndito *thesouro* de um abençoado palmo de barriga que a irreverência da camisa desgovernada pelo ardor-*sportivo* da delicada filha de Eva, deixa ver, para a tristeza *immensa* de um ridículo sem precedentes!

[...] Façam tudo quanto os homens fazem, inclusive saltar de bonde andando, mas, por amor a sua dignidade, não se exponham ao achincalhe de representar paródias de *football*, que é *sport* demasiado bruto para *flôres* tão mimosas<sup>14</sup>!

Entre os jornalistas, havia aqueles que incentivaram – como na pequena nota da revista *Vida Sportiva*<sup>15</sup> em 1920: “o gracioso ‘*team*’ Assis Bandeira do *Centro Sportivo Natalense*, campeão feminino de Natal, estado do Rio Grande do Norte, que acaba de vencer o ABC F.C. pelo elevado ‘*score*’ de 12 x 0”. Cabe ressaltar a relevância da crônica escrita por Cléo de Galsan – talvez a primeira mulher a escrever em uma seção de esporte no país<sup>16</sup>. Em seus textos, Cléo defendia a prática do Futebol Feminino. Em *O futebol feminino é o jogo recommendado à mocidade feminina*<sup>17</sup>, a jornalista escreve: “[...] o futebol, senhores, incompetentes, é o menos perigoso para os *orgams* femininos que os movimentos executados em certas danças *rythmicas*”.

Alguns emitiram comentários em tons de chacota, como na pequena nota do jornal A Gazeta em 1926 sobre uma provável partida interestadual, entre paulistas e cariocas: “esperamos, portanto, pelo sensacional encontro e incitemos desde já as nossas queridas “melindrosas” a um treino rigoroso. Treino no campo.... Nos “*dancings*” não dá resultado<sup>18</sup>”. Em março do mesmo ano, a *Companhia de Circo dos Irmãos Queirolo* apresentou dois de seus quadros de Futebol Feminino – *Palestra* e *São Bento* – na revista paulistana *A Cigarra*. Entre as atrações, o

---

14 Autoria desconhecida. Gramury. Football Feminino. Diário Carioca. Rio de Janeiro: domingo, 26 de maio de 1921. p. 8

15 Autoria desconhecida. Football feminino em Natal. Vida Sportiva. Rio de Janeiro: 20 de março de 1920. Ano IV, n. 134. P. XX

16 Torna-se difícil precisar, uma vez que muitas mulheres assinavam como homens, “protegidas” por pseudônimos.

17 GALSAN, Cleo. A Gazeta de São Paulo. Segunda-Feira, 14 de abril de 1924 p. 3.

18 Autoria desconhecida. Teremos um encontro Rio – S. Paulo entre... mulheres? São Paulo: A Gazeta, 5 de março de 1926, p. 6.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

circo realizava torneios femininos de futebol, o que preenchia grande parte da programação. O número de jogadoras era reduzido a cinco no picadeiro. A partir de 1930, a companhia realizou uma turnê no Rio de Janeiro<sup>19</sup> e em demais cidades do país, como Pelotas, no Rio Grande do Sul (RIGO et al., 2008). Após o sucesso das apresentações, outras companhias também criaram espetáculos de jogos entre mulheres (BONFIM, 2019).

Durante a década de 1930 também surge um movimento de equipes de Futebol Feminino em clubes da periferia do Rio de Janeiro. Enquanto discutia-se na Confederação Brasileira de Desportos a abertura ao profissionalismo no futebol, o que era chamado pelos críticos de “profissionalismo marrom” (PEREIRA, 2000), a presença de jogadores negros era bastante habitual nos clubes da periferia. O mesmo acontecia entre as mulheres, como no *River Football Club*<sup>20</sup>, do bairro da Piedade. Além do *River F.C.*, os jogos pela *Associação Suburbana de Desportos* eram disputados também por equipes do *Cruzeiro F. C.* e *Cassino F. C.* (de Realengo)<sup>21</sup>, *Brasil Suburbano F. C.*<sup>22</sup> (de Piedade), *Independentes F. C.* (de Bangu), *Mavilis F. C.* (do Caju) entre outros:

O subúrbio *sportivo* já *possue* uma porção de esquadrões compostos por senhoritas, numa lição à cidade que ainda não pensou em tal cousa [...]. *Ellas* queriam pelear com os homens e disso não fizeram segredos, quando a direção do Campeonato de Verão as convidou para uma *exibição* no Torneio Relâmpago<sup>23</sup>.

Foi diante desse contexto que um jornal do Rio de Janeiro<sup>24</sup> publicou a carta aberta de José Fuzeira ao Presidente Vargas, alertando sobre os malefícios físicos e morais desencadeados pela

---

19 O jornal carioca A Esquerda, em novembro de 1930, anunciou a estreia do Circo dos Irmãos Queirolo no Rio de Janeiro: “Uma bella novidade para o Lyrico. Trata-se da grande Companhia de Variedades Irmãos Queirolo, recém-organizada em São Paulo, com um elenco constituído por nada menos de 100 artistas criteriosamente *seleccionados* e cuja *estréa* está marcada para meados do corrente *mez*. Dirigem-na os irmãos Queirolo, artistas circenses de elite, com sua reputação firmada, do mais célebres acrobatas sul-americanos. Um dos números de retumbante sucesso, será o “*Football Feminino*”, no qual tomam parte dois treinados *teams* o *bello sexo*. Uma Companhia de Variedades para o Lyrico. A Esquerda. Rio de Janeiro: 8 de novembro de 1930. p.4. *Anno IV* – n. 871.

20 O *Football Feminino* nos Subúrbios. A Noite Ilustrada. Rio de Janeiro: 2 de setembro de 1931. P. 2 *Anno 2*, n. 74.

21 Autoria desconhecida. Em *actividade* os pequenos *clubs* suburbanos. O jornal, Rio de Janeiro. Sábado 12 de agosto de 1939. Edição 6188. P. 12.

22 Autoria desconhecida. Movimento *Sportivo* nos *Clubs* Suburbanos. O Jornal. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de Fevereiro de 1931. P. 25. Edição 4009.

23 Autoria desconhecida. Evas no Gramado... O Radical. Rio de Janeiro. 24 de março de 1940. p. 7.

24 Autoria desconhecida. Um disparate *sportivo* que não deve prosseguir. Diário da Noite. Rio de Janeiro: 7 de maio de 1940. p. 11-12.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

prática do futebol entre as mulheres. Na carta, Fuzeira projeta um cenário bastante obscuro sobre a prática do futebol feminino no Brasil, a de que as jogadoras se tornariam mulheres inférteis, depressivas, violentas e imorais:

Também, por motivo de phenomenos específicos, que nos abstemos de enumerar, ainda outros sérios distúrbios de saúde podem soffrer as moças que venham a escravizar-se ao “sagrado dever” de não faltarem aos treinos e se disponham a augmentar as duras recargas de tal jogo; pois, esses recontros de impulsos rudes, incontroláveis, hão de evidentemente, affectar-lhes o equilíbrio do systema nervoso; e, até, (que sabe?) originando, talvez, funestas consequencias futuras, no que se refere aos phenomenos próprios da gestação, pois, da perfeita saúde da mãe, depende o vigor e a perfeita constituição dos filho. [...] E, neste crescendo, dentro de um *anno*, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 *clubs* femininos, de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos *exhibicionismos* rudes e extravagantes[...]. Assim, para evitar que as suas primícias venham a degenerar em uma calamidade contra a saúde e a compostura *sportiva* do *bello sexo*, venho *appellar* para que um *acceno* do reconhecido e elevado bom senso de v. ex. faça com que o Departamento de Cultura e Saúde de solicite o conselho de um grupo de médicos, a fim de que os mesmos, com a sua acatável autoridade, decidam se, *effectivamente*, a mulher pode, sem manifesto e grave prejuízo da sua saúde, integrar como elemento *activo* em um *sport* de *attractos* e *physicos* rudes e *aggressivos* que, muitas vezes, embora por descuido, redundam também em *pizaduras* e em pontapés no peito, no estômago e no ventre dos jogadores.

Para tanto, Fuzeira apela para “a clarividente *atenção* de v. ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina no Brasil”. Em *A invenção do trabalhismo* (1988), Ângela de Castro Gomes destaca que, entre as inúmeras qualidades atribuídas ao presidente, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) exaltava a “clarividência”. Por esse motivo, por antecipar-se às demandas sociais, Getúlio Vargas possuía a capacidade de outorgar leis. Aliás, o centralismo político durante esse governo atingia o âmbito das relações interpessoais, uma vez que a família era a base constitutiva – e orgânica – do Estado Novo (BESSE, 1999; ALMEIDA, 2019). Portanto o Estado, através da figura do presidente, tinha o poder de controlar tudo o que a colocasse em risco.

Sobre si, José Fuzeira justificou o interesse despendido no alarde: “nosso gesto está inteiramente justificado; se v. ex. se dignar de



“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

folhear algumas páginas de um livro nosso, que se encontra em sua *bibliotheca* particular, e no qual, sem o prurido de *quaesquer* veleidades literárias, demonstro, de forma inconteste, o meu amor desinteressado pelo bem do Brasil e da Humanidade”. O livro em questão, *Rompendo as Trevas*, fora publicado em janeiro de 1940. Uma resenha sobre a obra saiu na coluna *Reportagem para Facilitar a Digestão do Leitor do Diário da Noite*<sup>25</sup>:

O livro do Sr. Fuzeira é uma espécie de código de normas de *conducta* social e moral, ao par de várias críticas a coisas e *factos* do Brasil [...]. Veja o leitor, ou melhor a leitora, os conselhos sobre casamento. [...]. “Ficar noiva! Casar! – Tarefa espinhosa é esta que, para ser conduzida e rematada com acerto, exige o controle de critério atilado e previdente, pois, quando a moça fica noiva, *ella* prepara-se para fazer a travessia de uma ponte que decidirá de seu futuro ou mais: – da sua existência inteira”. Mas... É melhor dá a palavra ao Sr. Fuzeira: “Sim, porque infeliz da moça que os sonhos da sua felicidade conjugal, exclusivamente, aos barbantes de *factores* instáveis, como os da riqueza, posição ou *belleza physica*. A maioria das moças, ao procurarem o seu par, já de início, estão *attentas* e dispostas a não ligarem aos rapazes tidos – como feios, sem mesmo indagarem das suas qualidades; mas se qualquer um, de *bella* estampa, lhes dá um *accessso*, então, quanto a este, logo *ellas* todas se derrem, sem cogitarem dos seus predicados *moraes*, negligência esta, que, aliás, tem destroçado o futuro de muitas moças, às vezes bem dignos de melhor sorte”. O último conselho: “*Attentae*, pois, ó moças que *ficaes magnetizadas* ante a *belleza* dos galãs de cinema: o vosso pretendente é rapaz feio, mas tem qualidades de trabalho e de *character* apreciável? Então, *esforçae-vos* para que *elle* vos pareça bonito”.

Entre os argumentos contidos na carta e os “conselhos” apresentados no livro, Fuzeira acreditava cumprir uma missão social. Acreditava que do recato do corpo – e do comportamento – das mulheres dependia a continuidade da nação. A razão desse argumento conflui para a capacidade de gerar. Razão esta que deu – e ainda dá – legitimidade da posse sobre os corpos das mulheres pelo Estado e a vigília pela sociedade (ALMEIDA, 2019).

Diante da repercussão da carta aberta endereçada à Vargas, o *Jornal dos Sports* abriu espaço para que Adyrgram, jogadora do clube carioca *S. C. Brasileiro*, respondesse às críticas feitas ao crescimento do futebol Feminino no país:

---

25 Autoria desconhecida. Reportagem para Facilitar a Digestão do Leitor. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 11 de janeiro de 1940, p. 1 -2.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

A princípio tomei o caso a sério; *Reflectindo*, perguntei a mim mesma: – Quem será esse sr. Fuzeira? verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no *sport*, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir [...]. Há homens cujas *occupações* lhes dão tempo até, para tratarem de assumptos femininos. mas, todas as vezes que o fazem, procuram *celebrisar-se*, dando o nome, residência e até o *telephone*. [...] O Sr. José Fuzeira deve assistir a Prática de *football* feminino, para verificar quão salutar é esse *sport* e os benefícios que o mesmo presta às suas praticantes. É verdade que o *football*, como outros *sports*, não pode ser praticado por todos, principalmente por aqueles que têm aversão à educação *physica* e que só fazem *gymnástica* pelo rádio, *receiosos* de se apresentarem em público, graças às deficiências orgânicas com que a natureza os brindou. [...] O Sr Fuzeira, qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá *grippar* as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em *desaccordo* com o seu modo de pensar sobre as futuras mães [...]. O Sr. Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro de *football* feminino e apontar, publicamente, quaes as desvantagens da sua prática nos moldes em que o mesmo vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. antes disso, o Sr. Fuzeira deve preocupar-se com os “*gurys*” que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. nesse caso o missivista prestaria um grande serviço, e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo frágil<sup>26</sup>.

O *Diário Carioca*<sup>27</sup> chamou o ato de Fuzeira de “moralista”, e ressaltou que a discussão provocada pela carta acabou gerando “publicidade espontânea” aos jogos das equipes formadas por mulheres. Em maio de 1940, em meio a esse aumento na cobertura do Futebol Feminino, foi fundado o *Primavera A. C.*<sup>28</sup>, em Pilares. O grêmio contava com jogadoras já reconhecidas pelos jornalistas e pelo público que acompanhava o denominado “futebol menor<sup>29</sup>”, tais como Sally, Nicéa e Aida – todas vindas de outras equipes do subúrbio. Nicéa era celebrada como a “*Crack* número 1” da equipe, apelidada pelo jornal *A Noite* de “Leônidas de Saias<sup>30</sup>”. Sally é descrita pelo *Diário Carioca* como “a linda *center-half*, que *allia* as qualidades de malabarista da *esphera* de ouro, as de uma perfeita ‘*sportswomen*’, por suas maneiras

---

26 Autoria desconhecida. Jornal dos Sports, Sexta-Feira 10 de maio de 1940, p. 6.

27 Autoria desconhecida. Vamos ter mais um match de football feminino. Diário Carioca, 25 de maio de 1940. p. 8.

28 Os jornais pesquisados não especificavam o significado da sigla A. C. após o nome Primavera.

29 Coluna da seção esportiva destinada ao futebol de várzea em alguns jornais brasileiros.

30 Autoria desconhecida. Não quer mais nada com o *football*... A Noite. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1941. p. 1.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

delicadas<sup>31</sup>”. Aida era a “*half-back* canhota<sup>32</sup>”. Nesse curto período, viu-se uma movimentação, até então, inédita ao redor do Futebol Feminino e que estimulou algumas empresas, ou mesmo jornais, a criar pequenos torneios<sup>33</sup>.

Além disso, um jogo de mulheres preliminar ao amistoso interestadual entre *C. R. Flamengo* e *São Paulo F. C.* foi realizado no Pacaembu vinte dias após a inauguração do estádio, entre as equipes do *S. C. Brasileiro* e o *Cassino do Realengo* (ambas do Rio de Janeiro). Parte da cobertura<sup>34</sup> jornalística ressaltou o grande público (80 mil espectadores) e as qualidades técnicas das mulheres, além de denominar como “a maior glória para o Futebol Feminino”. O próprio Leônidas da Silva, na época defendendo o Flamengo, teceu elogios às jogadas em campo<sup>35</sup>. O *Correio Paulistano* destacou “as jogadas de bons recursos” e o interesse que o Futebol Feminino despertou na capital paulista.

Depois de São Paulo, o Futebol Feminino dos subúrbios carioca realizou diversas apresentações em diferentes cidades da região sudeste. Em junho de 1940, em Belo Horizonte, jogaram as equipes do Brasileiro e do Cassino<sup>36</sup>. Em outubro, o *Primavera* e o *S. C. Oposição* enfrentaram-se em Juiz de Fora<sup>37</sup>. Além dessas cidades, também ocorreram jogos em Niterói<sup>38</sup> (*S.C. Oposição* e *C. A. Independente*), Magé<sup>39</sup> (*C. A. Independente* e *Valqueire*) e Petrópolis<sup>40</sup> (*C. A. Independente* e *Brasil Novo A. C.*). Os jornais ressaltavam o sucesso das vendas de ingressos nos jogos de mulheres, inclusive o diferencial de quando as partidas aconteciam nas preliminares dos jogos de Futebol Masculino.

---

31 Autoria desconhecida. Estréia hoje a equipe feminina do Primavera A. C. *Diário Carioca*, 9 de junho de 1940, p 11

32 Idem.

33 Em abril de 1940 foi disputada a taça Mário Rodrigues Filho, oferecida em comemoração ao aniversário do *Jornal dos Sports*, e em junho realizou-se um torneio em homenagem ao jornal O Radical. Além disso, em setembro do mesmo ano, houve a disputa da taça “D. Annita D’Agelo” oferecida pela indústria de tabacos Sudan.

34 SILVA, Waldemar. A maior glória para o futebol feminino! O Radical. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1940, p. 7.

35 Autoria desconhecida. Para aplaudir as “bicycletas” das garotas do Primavera F. C. *Diário Carioca*. Quarta-Feira 5 de junho de 1940. p. 9.

36 Autoria desconhecida. Football Feminino em Belo Horizonte. Rio de Janeiro: A Noite, 14 de junho de 1940, p. 7.

37 Autoria desconhecida. As equipes femininas do Oposição e do Primavera exibir-se-ão, sábado em Juiz de Fora. Rio de Janeiro: O Radical, 25 de setembro de 1940, p. 7.

38 Autoria desconhecida. Football Feminino em Niterói. Rio de Janeiro: A Noite, 31 de agosto de 1940, p. 7.

39 Autoria desconhecida. Football Feminino em Magé. Rio de Janeiro: A Noite, 8 de agosto de 1940, p. 7.

40 Autoria desconhecida. Exibir-se-ão, amanhã, em Petrópolis. Rio de Janeiro: O Radical: 19 de outubro de 1940, p.5.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

Não demorou muito para que as primeiras restrições a esses jogos iniciassem, executadas pela força policial. Em junho do mesmo ano, começaram as ações da polícia para inibi-los. Primeiramente, foi emitida uma portaria de emergência proibindo o Futebol Feminino na cidade do Rio de Janeiro – “a medida, expedida pelo delegado Dulcídio Gonçalves, procurava impedir que equipes clandestinas, sem licença policial, atuassem nas partidas: ‘vinham exibindo equipes de moças, dando motivo a que um ramo de negócio fosse inescrupulosamente explorado por mãos espertistas’ (ALMEIDA, 2019)”. Partindo desse princípio, as/os diretoras/es dos clubes de Futebol Feminino do subúrbio carioca passaram a ser consideradas/os como aliciadoras/es de mulheres, através de insinuações que ligavam os times de Futebol Feminino a serviços de prostituição.

O argumento foi bastante explorado entre o final de 1940 e o início do ano seguinte. O *Imparcial*, um dos jornais mais críticos às equipes de mulheres (BONFIM, 2019), foi pioneiro na “denúncia” da modalidade quando publicou a manchete: “Jogadoras *contractadas* como artistas de *cabaret* – O empresário Alfonso Doce ameaça levar à Buenos Aires uma equipe feminina de *football* – perigoso ‘*commercio*’ que se inicia<sup>41</sup>”. A notícia, em primeira mão, referia-se a um contrato entre a direção do *Primavera* e Alfonso Doce para uma excursão do clube à Argentina:

[...] Longe do espírito do saudoso esportista [referindo-se à Sarmiento] estão os animadores da iniciativa fomentada pelo referido empresário. *Elle emprezará* o “*team*” feminino como *empreza-se* qualquer grupo de bailarinas dos nossos *cabarets*. [...] Somos, por isso, contrários à *idéa* proposta pelo empresário em questão e sustentamos a que era alimentada pelo pranteado Sarmiento, a qual nascia de um objetivo são e honesto.

Doce era um intermediário do futebol, de origem argentina, que desde a década anterior<sup>42</sup> atuava nas negociações de temporadas de jogos amistosos – e de passes de jogadores – entre clubes argentinos, brasileiros e uruguaios, nos respectivos países. Sobre o empresário, *O Jornal*, periódico do Rio de Janeiro, afirmava tratar-se de um “conhecido empresário de partidas

---

41 Autoria desconhecida. Jogadoras *contractadas* como artistas de *cabaret*. Rio de Janeiro: O *Imparcial*, 27 de dezembro de 1940. p. 1 (Capa).

42 Autoria desconhecida. Teremos a “*revanche*” entre uruguayos e cariocas. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 25 de abril de 1931, p. 1 (Capa); Autoria desconhecida. Activam-se os preparativos para receber o Estudantes de La Plata. Rio de Janeiro: O *Jornal*, 9 de Janeiro de 1936. p. 8.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

internacionais<sup>43</sup>”. O *Diário da Noite*, em junho de 1939, apresentou Alfonso Docce como “representante do Vasco em Buenos Aires<sup>44</sup>”. No decorrer de duas décadas, o nome do argentino apareceu com certa periodicidade nos jornais do Rio de Janeiro<sup>45</sup>, ora intermediando transferências de atletas entre clubes, ora organizando excursões para jogos internacionais. Quando Docce decidiu explorar o novo mercado que se abria para o Futebol Feminino, a natureza dos seus negócios passou a ser questionada.

O fato é que o futebol já havia sido projetado como um dos elementos nacionais centralizados pelo Estado Novo brasileiro. A profissionalização dos atletas também já era uma realidade. No entanto, em nenhum desses casos, as mulheres estavam incluídas. Para o governo Vargas, o tipo ideal da mulher brasileira, no sentido weberiano do termo, consistia no “belo e frágil sexo” – antagônico aos homens. Nesse sentido, a excursão de futebolistas brasileiras para o exterior foi vista como um afrontamento, uma vez que, ao contrário das “vedetes”, o futebol era um símbolo nacional oficial. Para o princípio moral que regia o pensamento social da época, seria inconcebível que estrangeiros pagassem “os preços que fossem exigidos para ver as pernocas morenas das futebolistas brasileiras<sup>46</sup>” em campo ou, conforme as palavras de Fuzeira, assistissem mulheres “presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes”.

A campanha ganhou corpo entre os veículos da imprensa. O jornal *O Imparcial* vinha desde junho publicando reportagens com “especialistas” convidados – entre médicos, professores de Educação Física, um padre, e o próprio Dulcídio Gonçalves – que apresentavam argumentos científicos e morais contra a prática do futebol por mulheres. No dia 10 de Janeiro de 1941, o diário publicou sob a chamada “Exploração mal disfarçada! Não embarcará o *team* feminino”:

Circula o boato de que duas equipes femininas, dirigidas pela *maesinha* Carlota Silva, elemento conhecido do cadastro policial,

---

43 Autoria desconhecida. Virá o Independiente. Rio de Janeiro: O Jornal, 4 de fevereiro de 1936, p. 1 (Capa).

44 Autoria desconhecida. Cracks brasileiros para a Argentina. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 3 de junho de 1939, p. 1 (Capa).

45 Buscas realizadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, incluem 162 ocorrências ao nome Alfonso Docce somente no Jornal dos Sports, entre os anos de 1931 e 1952. As notícias repercutem excursões de clubes/atletas estrangeiros no Brasil, bem como de brasileiros no exterior e de transferências de futebolistas homens. Entre 1940 e 1941, o empresário passa a estar associado a negociações também com o Futebol Feminino.

46 Pinto, Ricardo. Futebol Feminino, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, 22 de janeiro de 1941, p. 7.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

partirão *sábbado*, para Buenos Aires. Pelos motivos expostos, considerando-se ainda que essas moças não possuem um vintém *siquer* para fazer frente às despesas creadas pela excursão perguntamos nós qual será a atitude das autoridades para coibir tamanho absurdo, evitando que *ellas* passem vexames em terra estranha e ridicularizem a mulher brasileira, tornando-a uma figura fútil, desprovida de dotes intelectuais e *moraes*, permitindo assim que a julguem fácil presa de explorações dos representantes da celeberrima Mygdal.

[...] A mulher brasileira tem patrimônio moral e *sportivo* honroso, adquirido por feitos heroicos e *inegualaveis* e que não poderá ser enegrecido em *paiz* estranho por espetáculos circenses ridículos, o qual está merecendo a repulsa dos brasileiros sinceros, como diariamente o ledor conhecimento, através das varias opiniões de inserimos o respeito<sup>47</sup>.

A reportagem termina com uma pequena entrevista com o delegado Dulcídio:

- Quando me encontrava no exercício do cargo de 2º delegado auxiliar, pelos mesmos princípios já expostos pelo O IMPARCIAL, *prohibi* as competições de *football* feminino.
- No campo do vasco, uma vez, fui obrigado a tomar *attitudes* severas, chegando a expulsar de campo uma dessas equipes [...].
- E sobre a excursão à Argentina, pode-nos dar qualquer impressão?
- Indagamos
- É uma pretensão ridícula e *desmoralisante* para nós, porque na Argentina não querem saber si se trata de uma equipe composta de moças de condição social *quasi* duvidosa ou de infelizes sob o domínio de Paes descontrolados e de uma ignorância chocante.
- Lá dirão: Amanhã teremos uma competição de *football* de moças brasileiras, que foram recrutada nos *clubs* mais representativos da sociedade carioca...
- Não é monstruoso isso?
- Perfeitamente – dissemos
- e qual será a providencia a tomar?
- Muitas. Por mim, como tenho conhecimento que no meio dessa situação toda existe o *lenicínio* disfarçado, vou tomar sérias providencias, processando os representantes da Mygdal que as induziram para o passeio *sportivo* na Argentina...<sup>48</sup>

O texto deixa claro que a grande preocupação com a imagem da mulher brasileira, tinha como cerne a ideia de futebol enquanto o esporte nacional e, portanto, da própria imagem do país no exterior. A antropóloga Mary Douglas identificou, no clássico Pureza e Perigo (1991), que a ordem idealizada das

---

47 Autoria desconhecida. Exploração mal disfarçada! Não embarcará o *team* feminino. Rio de Janeiro: O Imparcial, 10 de janeiro de 1941, p. 15.

48 Idem.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

sociedades se mantêm em razão da ameaça dos perigos que a podem transgredir. Do contágio com esse perigo vem a poluição, vem a impureza, por conseguinte, da menor ameaça desse contágio, procura-se a pureza – diretamente associada às “leis da natureza” que, por sua vez, sancionam os códigos morais e as regras sociais. Assim, nas palavras de do delegado Dulcídio, as mulheres que negavam essa natureza e que aceitavam um valor monetário pelos “riscos à saúde” dentro dos campos eram consideradas “moças de condição social quase duvidosa” ou “mulheres infelizes”. Dentro dessa lógica, o caminho para a profissionalização do Futebol Feminino tornou-se imoral, uma impureza que confundia a propensão natural atribuída ao corpo da mulher: a maternidade dos futuros filhos da pátria.

A remuneração sobre o Futebol Feminino era mal vista, assim como as pessoas que o geriam. Nesse sentido, a figura de Carlota Silva – em outros jornais, Carlota Alves de Rezende<sup>49</sup> – diretora do *Primavera*, emergiu como a grande “mentora” do esquema de aliciamento das jogadoras à prostituição. Nos jornais, as acusações contra Carlota eram mais eloquentes do que as proferidas contra Docce. Afinal, podemos pensar que, por se tratar de uma mulher, brasileira, a qual as jogadoras chamavam carinhosamente de “mãezinha” (portanto, mais velha), o argumento moral incidia com mais força. As negociações foram comparadas ao *Tzvi Migdal*, máfia formada por semitas poloneses e russos responsável por uma rede prostituição de mulheres judias<sup>50</sup>, atuante em grandes cidades do continente americano, entre elas, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires. Diante dessa alegação, a excursão que levaria equipes de brasileiras para disputar partidas na Argentina e no Uruguai foi proibida.

Poucos dias depois, Carlota foi detida, na sede do clube, para dar esclarecimentos sobre a acusação de explorar as jogadoras nos *dancings* e em “outros destinos<sup>51</sup>” – após os jogos. O caso ganhou destaque em vários jornais, tornando-se um grande escândalo de capa<sup>52</sup>. Segundo noticiaram, a diretora do *Primavera*, seria

---

49 Existem variações como: Carlota Resende, ou Carlota Alves Resente, etc.

50 As mulheres eram aliciadas pela promessa de fugir do crescimento de antissemitismo que crescia na Europa durante a Segunda Guerra (RECHTMAN, 2015).

51 Autoria desconhecida. “Esplendor decadência do futebol feminino”. Rio de Janeiro: *A Batalha* (RJ), 12 de janeiro de 1941, p. 6.

52 Autoria desconhecida. Presa uma das mentoras do football feminino. Rio de Janeiro: *O Imparcial*, 11 de janeiro de 1941, p. 1 (capa). Autoria desconhecida

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

também fundadora de outros nove clubes<sup>53</sup> no subúrbio do Rio de Janeiro. A desconfiança não se limitou apenas ao *Primavera*, mas foi estendida ao próprio Futebol Feminino. A prática do futebol por mulheres passou a ser vista como uma forma de degeneração moral – e física. O que já estava bastante complicado piorou quando um jornalista do diário *A Noite* esteve na sede do *Primavera A. C.*, em Pilares:

[...] despertou curiosidade o modo como se comportavam as inúmeras jogadoras que ali estavam. Enquanto várias jogavam cartas, fumando desembaraçadamente, outras conversavam e gesticulavam livremente. Num corredor lateral ao prédio [...] outras “players” se entrelinham a realizar um bate-bola. De um lado formava a parêlha de “backs” e o “keeper”, enquanto as de anteiras atacavam no minúsculo espaço, suprimida a linha média. Esse é o exercício individual que sempre praticam... Segundo então ficamos sabendo, as jovens são bastante comodistas, pouco ligando aos treinos de conjunto. Preferiam o “dolce far niente” de uma conversa ou de um joguinho qualquer...<sup>54</sup>

O repórter do periódico afirmou que, na ocasião da visita, teria conversado com as jogadoras Salette, Lilita e Dirza, e que as três teriam afirmado que toda a equipe tinha a autorização dos pais para a prática do futebol<sup>55</sup>. Tudo que envolvia o *Primavera* se tornou suspeito para parte da imprensa: além do momento de lazer das mulheres e do pequeno espaço para um treino com bola, ainda destacaram um processo anterior de uma ex-jogadora<sup>56</sup> movido contra Carlota e o fato de sócios do clube, apesar de contribuir com mensalidade, não terem acesso aos jogos – já que a maioria das partidas eram preliminares de outros jogos em campos alheios. Assim que foi posta em liberdade, a diretora concedeu uma entrevista em que defendia o clube e a legitimidade da modalidade esportiva:

Só posso atribuir a denúncia a respeito; o ‘Primavera F.C.’ – veja bem, seu repórter. ‘F.C.’ – apenas perdeu um jogo, desde que existe. Foi o primeiro, contra outro clube local, mais treinado e mais experiente. Essa derrota inicial, porém, serviu de estímulo para as nossas pequenas, que se meteram em bríos e nunca mais perderam.

---

53 Seriam: Brasileiro, Eva, Veríssimo, Machado, River, Independente, Bento Ribeiro, Oposição e Mavilis. Para mais, ver: Autoria desconhecida. Soluçava de chuteiras. Rio de Janeiro: *A Noite*, 11 de janeiro de 1941, p. 3.

54 Autoria desconhecida. Não quer mais nada com o *football*... Rio de Janeiro: *A Noite*, 12 de janeiro de 1941, p. 3.

55 Autoria desconhecida. Soluçava de chuteiras. Rio de Janeiro: *A Noite*, 11 de janeiro de 1941, p. 3.

56 Referente à ex-jogadora do S. C. Brasileiro, Lourdes que processou Carlota, então diretora do clube.



“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

Ora as nossas vitórias sucessivas devem ter causado muitas magoas e daí, talvez...<sup>57</sup>

Tendo em vista a situação desenhada, alguns clubes de Futebol Feminino buscaram defender seus quadros, desqualificando a profissionalização de futebolistas mulheres. No início de fevereiro, o presidente do *Mavilis Football Club*, Manoel Antunes Bapista, diante de denúncias de que recebia proventos advindos das partidas, declarou que “no clube do Caju, o *football* feminino é praticado por Sport e não por ‘bicho’<sup>58</sup>”. Apesar dos esforços, dias depois os jogos de Futebol Feminino passaram a ser proibidos no Rio de Janeiro:

O *football* feminino, que mereceu a repulsa dos elementos mais representativos da sociedade carioca, como médicos, professores, *technicos* e dos apóstolos da moral *christã*, conceitos esses *emittidos* em várias entrevistas que publicamos, nunca foi aceito com agrado pela população *sportiva* suburbana, que vislumbrava na inovação a existência de interesses *occultos*, fora de qualquer finalidade desportiva.

Felizmente, a polícia agiu a tempo e eliminou com pantomina. Cabe agora o DIP<sup>59</sup>, pela divisão competente, prestigiar a *acção* da mencionadas autoridades de terminando que outras entidades não incluam nas suas *programações* as partidas de *football* feminino, o que será acto, mais que regulamentar, visto que dispositivos *legaes* não existir referência alguma *allusiva* a mesma competição<sup>60</sup>.

Em abril do mesmo ano, através do Decreto-Lei nº 3.199 que estabeleceu as bases de organização dos desportos no Brasil com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), as atividades esportivas que não estivessem de acordo com a natureza da mulher estavam proibidas. O Futebol Feminino era uma delas.

### **O que aconteceu com o Futebol Feminino após o Decreto-Lei nº3.199?**

---

57 Pinto, Ricardo. Futebol Feminino, Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, 22 de janeiro de 1941, p. 7.

58 Autoria desconhecida. “Não acredito que Avelino Pinto tivesse dito aquilo”. Rio de Janeiro: *O Radical*, 2 de fevereiro de 1941, p. 11.

59 Referente ao Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão criado durante o Estado Novo (em 1939).

60 Autoria desconhecida. E acabou o *football* feminino. Rio de Janeiro: *O Imparcial*, 13 de fevereiro de 1941, p. 14.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

O Decreto-Lei n. 3.199/1941 esteve em vigor até 1979, quando foi extinto o Conselho Nacional de Desportos. Durante esse período, novas organizações de mulheres em torno da prática do futebol surgiram, mas foram coibidas pela justiça, pela própria polícia, ou mesmo criticadas socialmente. Apesar da proibição, a prática não foi completamente interrompida. Algumas movimentações isoladas de mulheres ocorreram em diferentes locais do país entre as décadas de 1940 e 1970.

De acordo com Rigo et al. (2008), em 1950 na cidade de Pelotas/RS, havia duas equipes de mulheres – *Vila Hilda Futebol Club* e *Corinthians Futebol Club* – que tinham inserção na imprensa local. Além da cidade gaúcha, também existem registros de times de mulheres, após a implantação do Decreto-Lei, em Minas Gerais<sup>61</sup>, São Paulo e Rio de Janeiro. A *Cruzeiro*, uma das revistas mais vendidas do país na época, publicou em 1959 três longas reportagens sobre jogos de Futebol Feminino em Belo Horizonte (MG). As páginas estampam jovens mulheres em legendas que ressaltam as ideias de beleza e feminilidade, desprezando qualquer qualidade técnica que pudesse existir. As frases<sup>62</sup> denotavam rebaixamento da atividade: “nem tudo é pó de arroz e frágeis gestos femininos”; “de vez em quando, a botinada aparece, não escapando nem o juiz”; “goleira em posição pouco acadêmica, mas os cabelos são lindos”. Uma das fotografias da edição apresenta a jogadora, em pose de *pin-up*, sendo observada pela audiência, majoritariamente de homens: “durante os 90 minutos de jogo, a goleira Cleusa só pegou uma bola; no resto do tempo ela posou de vedete; a torcida gostou”.

No Rio de Janeiro, persistiram algumas equipes no subúrbio. Além disso, jogos entre vedetes<sup>63</sup> foram relativamente comuns no período<sup>64</sup>, ocorrendo inclusive, um amistoso entre paulistas e cariocas no Maracanã. Em 1965, durante a ditadura militar, foi aprovada a Deliberação n.7/65 que reafirmava a disposição de 1941, listando agora as modalidades esportivas indesejáveis: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, *pólo* aquático, *pólo*, rúgbi, halterofilismo e *baseball*”. (CASTELLANI FILHO, 1994, p. 63).

---

61 Uma equipe de futebol de mulheres foi fundada em 1958 no Araguari Atlético Clube em Minas Gerais.

62 FRANCO, José. “Glamour” usa chuteira. *Cruzeiro*, 28 de fevereiro de 1959. p. 124 – 129.

63 Atrizes do teatro e do rádio.

64 Mulher deve jogar futebol? Deputado acha que sim! *Revista do Esporte* (RJ). Edição 294, 1964. p. 4.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

É justamente durante a década de 1970 que mulheres, de diferentes camadas sociais, começam a se reorganizar em torno outras práticas esportivas, outrora proibidas pela legislação de 1941. Torna-se importante lembrar também que, desde 1975, o CND vinha adquirindo uma postura diferenciada com relação à prática esportiva no país (OLIVEIRA, 1983), quando o país adotou um modelo de organização esportiva no qual era constituído em quatro áreas: esporte comunitário, esporte estudantil, esporte militar e esporte classista. Entre os frutos, estão os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e a, tão controversa, Loteria Esportiva.

No futebol, jovens socialites organizavam partidas beneficentes, conforme o mencionado na nota *Monô e seu alegre futebol feminino*, publicada na coluna social da revista *O Cruzeiro* de setembro de 1974<sup>65</sup>:

A sra. Daniel Allegro (Monô Prado Simonsen) sempre liderou o time de futebol de mulheres da Vil Simonsen contra o time do Grande Hotel, em benefício das obras assistenciais do padre Orestes. Tricampeãs, dispostas ao tetra, não tiveram este ano a formação de outro time contrário (p.81).

Na segunda metade da década de 1970, na Zona Sul do Rio de Janeiro, grupos de adolescentes, pertencentes às camadas médias, jogavam futebol nas areias das praias. O movimento ganhou força e apoio da comunidade e das mídias. O futebol de areia das “meninas de Copacabana” atraía grande público. Embora fossem eventos gratuitos, os campeonatos geravam ganhos ao setor de bens de consumo, sobretudo, aqueles ligados ao público jovem – como produtos de vestuário e acessórios esportivos.

Mas nas periferias também se jogava futebol. A mesma revista já havia publicado extensa reportagem<sup>66</sup>, em 1971, sobre as mudanças nos estilos de vida de moradores dos conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro. Entre elas, encontra-se o futebol praticado por jovens moradoras, chamadas pelo jornalista de “Gatas da Penha”. Os espaços existentes nos conjuntos habitacionais das cidades brasileiras tornaram possíveis a formação de várias jogadoras nesse momento. Era nas várzeas

---

65 Revista *O Cruzeiro*, 10 de julho de 1974.

66 CARNEIRO, Glauco. A favela está mudando. Revista *O Cruzeiro*, 29 de setembro de 1971. p. 124-129.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

que as jovens obtinham contato com a bola, até então proibida nas escolas e clubes.

Na segunda metade da década de 1970, jogos entre mulheres ganham força novamente. Desta vez, nas praias de Copacabana. Jovens das camadas médias cariocas formaram equipes de acordo com os locais que moravam. Os times passaram a ser reconhecidos pelos nomes das ruas e a brincadeira do futebol de areia das “meninas” foi crescendo. Surgiram campeonatos que ganharam destaque na imprensa até chamar a atenção de lojas de *grifes* locais. Assim surgiram o *Belfort Roxo/Gang* e o *American Denim*, equipes que traziam os nomes das marcas consumidas pelos jovens da Zona Sul (ALMEIDA, 2013).

Nesse momento é criado o time feminino do *Esporte Clube Radar*. A intenção do presidente do clube, Eurico Lyra, era de lançar as bases para o Futebol Feminino no país e pressionar a CBF a regulamentar a modalidade. A regulamentação foi aprovada em 1983 e no mesmo ano aconteceu a primeira competição nacional: a *Taça Brasil de Futebol Feminino*. É nesse período que as características binárias relativas a gênero (BUTLER, 2012) – sob a perspectiva da normatização do masculino e do feminino – começam a ser largamente exploradas pela grande imprensa. Com regulamentação e, conseqüentemente, com a criação de campeonatos oficiais, o debate em torno do Futebol Feminino deslocou-se da “incompatibilidade biológica” para a emergência de uma feminização: as mulheres poderiam jogar, mas desde que fosse como “femininas”. Percebe-se nesse primeiro momento, a mistura de exotização e fetichização das futebolistas, somadas a grande preocupação com uma possível “masculinização” dos corpos, dos comportamentos e da sexualidade. Dentro dessa perspectiva, essas matérias condenavam os comportamentos violentos, considerados “masculinos”, e enalteciam as características consideradas propriamente “femininas”: os corpos arredondados, o rebolado, a beleza e a simpatia.

### **Considerações Finais**

Em um primeiro momento, pré-proibição, o espaço permitido, destinado, ao Futebol Feminino compreendia festas de caridade, picadeiros de circo e áreas do subúrbio<sup>67</sup>. Do Decreto-Lei de 1941 até a sua revogação em 1979, as iniciativas, agora mais isoladas, de mulheres para a retomada da prática dessa modalidade eram

---

67 Denominação na época designada aos espaços da cidade compreendido atualmente como periferia.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

vistas como exotismos, ganhando ares de fetiche. Característica que esteve presente até a primeira década de 2010 (FRANZINI, 2005; ALMEIDA, 2013; KESSLER, 2015; PISANI, 2018; ELSEY; NADEL, 2019). Durante os anos de 1970, mulheres das camadas mais altas da sociedade voltaram a promover jogos de futebol como atrativo para recepções festivas e ações de caridade. Mais para o final da década, as várzeas e as praias cariocas voltaram a ser palco de disputas do Futebol Feminino. No entanto, a “anistia<sup>68</sup>” veio apenas quatro anos depois, com a regulamentação do Futebol Feminino pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Mas ao contrário do ocorrido com presas/os e exiladas/os políticas/os, a anistia ao Futebol Feminino não foi ampla e irrestrita: ela foi – e ainda é – condicionada ao julgamento de todo um universo moral historicamente dominado por homens.

Mas qual teria sido o fato punível associado ao Futebol Feminino? De acordo com os discursos higienistas da época, praticar atividades esportivas que concentrassem características consideradas viris e que, portanto, iriam contra a natureza do corpo de mulher. Partindo dessa lógica, voltar-se contra a natureza, é voltar-se contra a maternidade, contra o sagrado. A proibição à prática do futebol pelo Estado brasileiro em 1941 – e depois em 1965 – revelou o que há séculos têm se repetido: a restrição da autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos.

Carmen Rial (1998) afirma que, nas últimas décadas, a presença das mulheres no futebol fez com que esse esporte perdesse seu caráter de gênero, deixando de ser marca de masculinidade. Entretanto, quando nos transportamos para o reinício dessa presença – pós-1979 – essa fronteira entre um futebol de características masculinas e femininas parece ser bem mais demarcada. Isso porque estamos falando de um período em que o futebol está consolidado como parte da identidade nacional, porém, uma identidade construída a partir de uma “norma masculinizadora”. Judith Butler fala sobre as *regulações de gênero* a partir de uma heterossexualidade compulsória e atribui papel importante à linguagem na produção da construção das “categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo” (2003, p. 9). Fazendo uma analogia ao futebol, podemos dizer que o esporte foi ao longo do Século XX “masculinizado” não apenas no Brasil,

---

68 Atualmente, temos preferido o termo “Anistia ao Futebol Feminino”, aproveitando-nos da expressão utilizada por uma interlocutora que participou do movimento pela legalização. A palavra advém do latim *amnestia*, que traz na semântica a ideia de perdão, de um perdão coletivo. Além disso, inclui o contexto e o sentimento vivido no Brasil entre fins da década de 1970 e início de 1980.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

mas em também em outros países<sup>69</sup>. Aqui, as leis proibitivas em 1941 e 1965 ajudaram a reforçar esse processo performativo ao legitimar uma determinada “ordem natural”. Rial (2013) vai além ao admitir que o futebol de mulheres é invisível no país. No entanto, o fato não anulava a pressão sofrida por parte da sociedade. Tal invisibilidade seria fruto dessa mesma construção. Para tanto, a autora compara a história das mulheres a dos negros em campo ao dizer que a transição, para as primeiras, foi na direção oposta: da liberdade à proibição.

## Referências

- ALMEIDA, Caroline S. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, SC, Brasil, 2018.
- ALMEIDA, Caroline S. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, SC, Brasil.
- ALMEIDA, Caroline S. Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. **Lusotopie Journal**, v. 18, n. 1, 2019. p. 95–118.
- BESSE, S. **Modernizado a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914–1940, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1999.
- BONFIM, Aira F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915–1941). Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAPUCIM E SILVA, Giovana. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965–1983). Mestrado em História – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, Papyrus, 1988.
- COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista da AGCRJ**, n.13, 2017, p.493–507.
- CUNHA, Olívia M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**: v.10. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro, 2004. p. 287–322.

---

69 As proibições ocorreram em toda a Europa, após um período de ascensão do futebol “feminino” que coincidiu com a I Guerra Mundial e o ingresso massivo de mulheres em esferas públicas.

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futboleira**: a history of women and sport in Latin America. Austin: University of Texas Press, 2019.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. n. 50, vol. 25. São Paulo. p. 316 – 328.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista Brasileira de Educação Física**. v. 19, n. 2. São Paulo: abr./jun. 2005. P. 143–151.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, maio/ago. 2007, p. 171–196.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. *Revista USP* (São Paulo), n. 117, abril/maio/junho 2018, p. 31–38.

GOMES, A.- C. **A invenção do trabalhismo**, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que Barbies e Ogras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 375 p.

LEVER, Janet. **Soccer Madness**: Brazil's Passion for the World's Most Popular Sport. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2. Campinas: jan. 2005. P. 73–86.

OLIVEIRA, Vítor Marinho de. **O que é Educação Física?** São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1983.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PISANI, Mariane da S. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo (Tese). Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo: 2018.

RECHTMAN, Enio. **Itaboca, rua de triste memória**: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento da zona do meretrício (1949 a 1953). Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes e Judaicos). Universidade de São Paulo, 2015.

RIAL, Carmen. Marta is better than Kaká: the invisible women's football in Brazil. **Labrys** [online], v.28, Jul/Dez, 2015. Disponível em

“Deve ou não deve o *football* invadir os domínios das saias?”

<https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/carmen.htm>. Acesso em dezembro de 2019.

RIAL, Carmen . El invisible (y victorioso) fútbol praticado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, v. 1, p. 114–126, 2013.

RIAL, Carmen. New Frontiers: The transnational circulation of Brazil's women soccer players, in AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina (org). **Women, soccer and transnational migration**. London, New York, Routledge: 86–101.

RIAL, Carmen. Rugby e Judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Míriam. (Org.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998, v. , p. 229–258.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia G.; THEIL, Larissa Z.; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3. Campinas: mai. 2008. P. 73–86.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no football brasileiro**. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947